

PARA A HISTÓRIA DA POLOP (1961-1983): debate historiográfico e apontamentos iniciais de pesquisa

**Eurelino Coelho
Igor Gomes Santos**

Preâmbulo

Em 2009 o Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais da UEFS – LABELU tornou-se depositário de um acervo documental precioso, doado pelo Centro de Estudos Victor Meyer: um arquivo com a documentação da organização Política Operária. O casal Victor Meyer e Eliza Yonezo, ambos ex-militantes da POLOP, guardou desde os tempos da clandestinidade esta documentação que hoje se configura no segundo maior e no mais organizado arquivo sobre aquela organização existente no Brasil.

Com as fontes à nossa disposição, constituímos uma equipe de pesquisadores e lançamo-nos à tarefa¹. Este texto discute os parâmetros iniciais da investigação que está em curso sobre a história da Política Operária. Apresentamos inicialmente a caracterização geral da POLOP, assumindo certos critérios para a definição dos contornos do nosso objeto e da periodização adotada. Em seguida passamos em revista a produção acadêmica e memorialística sobre a POLOP a partir de cuja crítica produzimos os elementos com os quais, ao final, esboçamos o roteiro de questões de investigação que emerge do debate historiográfico.

1. Aproximações

A investigação de uma organização política com as características da POLOP já exige cuidados preliminares com a nomenclatura e a periodização. Tomando como referência sua estrutura organizativa interna, é possível demarcar dois períodos distintos: o primeiro, de 1959 a 1967, é a fase inicial da organização que passou a denominar-se Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (ORM-POLOP) e que, por ocasião do seu IV Congresso em 1967, fracionou-se e perdeu grande parte dos seus

¹ A equipe, além dos autores dessas linhas, é constituída pelos estudantes Isana Cerqueira, Tiago Oliveira, Rodrigo Santos, Tamires Nery e Lineker Norberto, todos membros do LABELU.

membros ; o segundo período vai de 1970, com a retomada da agora denominada Organização de Combate Marxista-Leninista – Política Operária (OCML-POLOP), até o ingresso e finalmente a dissolução no Partido dos Trabalhadores na primeira metade da década de 80.

Esta periodização tem a vantagem de enfatizar, em seus marcos, aspectos importantes da história das mudanças na própria estrutura da organização, mas é preciso reconhecer que há outros elementos a considerar. Os editores de uma coletânea póstuma de textos escritos pelo principal teórico da POLOP – Érico Sachs – preferiram usar como critério de demarcação temporal as condições efetivas de trabalho militante determinadas pela situação política nacional, chegando, assim, a três períodos: da fundação até o golpe civil-militar de 1964; a fase de clandestinidade, de 1965 a 1978; e a fase final, coincidente com o ingresso da organização no PT e sua dissolução². Aqui o parâmetro central é a configuração do Estado, admitindo-se, de partida, que os reordenamentos jurídicos e políticos nacionais afetam de modo decisivo a história da organização, o que não pode ser negligenciado.

No entanto é preciso notar que esta perspectiva estende numa temporalidade única momentos que, do ponto de vista da existência concreta da POLOP, tanto no plano organizativo quanto programático, eram bastante diferentes, como a fase anterior ao “racha” de 1967 e a fase de reorganização em plena clandestinidade, nos anos 70. Por outro lado, a premissa *geral* de que o terreno concreto da atividade militante da POLOP era estabelecido pela configuração do Estado, válida em si mesma, deve ser submetida à investigação histórica para que se tornem conhecidas as *formas específicas* desta influência em cada momento da trajetória da organização. Isso é parte do que a pesquisa deve estabelecer, mas o modo de fazer este trabalho só pode ser a partir da interrogação da experiência da própria POLOP, da qual as fontes históricas são vestígios, razão por que a opção inicial deve ser por uma periodização balizada pela dinâmica formal da organização.

² Ver MEYER, Victor, MIRANDA, Orlando e SADER, Emir (orgs). *Andar com os Próprios Pés. Discutindo uma estratégia de ação para os trabalhadores. Coletânea de textos de Érico Sachs (Ernesto Martins)*. Belo Horizonte, SEGRAC, 1994. Um projeto de pesquisa sobre a história da PO elaborado em 1987 na UEFS por uma equipe de historiadores da qual fazia parte Victor Meyer adota a mesma periodização. Cf. MEYER, Victor, SILVA, Elizete da e LYRA, Henrique J. *As origens da Nova Esquerda. História da Política Operária*. Projeto de pesquisa. Feira de Santana, 1987, mimeo.

O segundo problema referente à caracterização inicial é o de estabelecer o fio de continuidade que une a organização fundada em 1961 àquela reorganizada em 1970, isto é, a ORM-POLOP e a OCML-POLOP. Há importantes diferenças na composição, alterada pela perda de vários dirigentes devido aos “rachas”, como o de 1967, e à ação do aparelho repressivo da ditadura, e também de orientação programática que, por exemplo, ganhava no segundo período uma crítica aguda aos “novos revolucionários” da POLOP que “escolheram objetivos mais imediatos [e cuja] (...) concepção de luta armada os fez desertarem do trabalho nas fábricas”³. Num artigo inspirador em que discute a trajetória da POLOP, Marcelo Badaró Matos valoriza tais diferenças ao justificar sua opção por tratar em seu artigo somente da primeira fase da PO considerando que a OCML “já não poderia guardar senão alguns paralelos com a POLOP original”⁴.

É possível que ele tenha razão, mas há quem pense de outro modo. O recente artigo de Reis Filho sobre a história da POLOP, que chega até os anos 80, nem mesmo discute o problema⁵. A permanência de Érico Sachs como teórico principal, além de outros dirigentes e grupos locais que não se desligaram, e a persistência de alguns eixos teórico-programáticos, para não falar no emprego do nome/emblema *Política Operária*, são indícios fortes de continuidade. A tese de que a OCML-PO é a continuação da velha ORM também é sustentada, obviamente, pelos militantes que participaram dos dois momentos. Mesmo entre os que romperam com a organização, como Raul Villa (pseudônimo de Eder Sader), encontramos “balanços” históricos que, manifestando a crítica que justificava a ruptura, seguem o fio de trajetória de uma mesma organização em diferentes momentos⁶. Estabelecer quantos e quais são os “paralelos” entre os dois períodos dependerá, portanto, da pesquisa histórica. No âmbito desse artigo, no entanto,

³ MARTINS, Ernesto. Caminho e caráter da revolução brasileira. In: MEYER, Victor, MIRANDA, Orlando e SADER, Emir (orgs). *Andar com os Próprios Pés. Discutindo uma estratégia de ação para os trabalhadores*, op. Cit., p. 160.

⁴ MATTOS, Marcelo Badaró. Em busca da revolução socialista: a trajetória da POLOP (1961-1967). In: RIDENTI, Marcelo e REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil*, vol. V. Campinas, Edunicamp, 2002, PP. 185-212, p. 186.

⁵ REIS FILHO, Daniel Aarão. Classe operária, partido de quadros e revolução socialista. O itinerário da Política Operária – POLOP (1961-1986). In: REIS FILHO, D. A. e FERREIRA, J. *Revolução e Democracia. 1964...* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

⁶ VILLA, Raul. Para um balanço da PO. *Brasil Socialista*, ano II, nº7, outubro de 1976, PP.6-37.

em função do estágio atual de nossos conhecimentos, aceitamos a hipótese da continuidade e trataremos da POLOP como uma organização cuja existência se estende por todo o período estudado.

A POLOP surgiu da aproximação entre vários pequenos coletivos de marxistas que tinham em comum, principalmente, a rejeição à linha política do PCB. Por haver tomado a iniciativa de estabelecer contatos pelo país e divulgar material de propaganda, a Juventude Socialista da Guanabara (ou o “grupo do Rio”⁷) é apontada como a principal articuladora na fundação da organização. A revista Movimento Socialista teve um papel importante no trabalho político de articulação que permitiu a aproximação entre os “grupos de distinta origem, como a pequena Liga Socialista, de inspiração luxemburguista⁸, de São Paulo, membros da Mocidade Trabalhista de Minas Gerais, ex-trotskistas e egressos do PCB”⁹ e do PSB. Publicada a partir de 1959, em suas páginas apareceram textos de marxistas, dentre os quais Érico Sachs, que questionavam a linha do Partido Comunista do Brasil (PCB) por sua opção de aliança com a burguesia nacional e pela estratégia de uma revolução em etapas, vista como reformista. Alguns dos autores daqueles textos estariam, em 1961, no congresso de fundação da ORM-PO. O nome *Política Operária*, que também servia ao periódico que a organização publicou durante quase toda a década de 60, era uma retomada do nome do coletivo socialista alemão (e também do periódico homônimo) *Arbeiterpolitik*, que teve grande influência na formação política de Érico Sachs principalmente através do pensamento de August Tallheimer. Após o I Congresso, a PO se tornaria uma corrente com considerável influência entre intelectuais e no movimento estudantil e também em certos setores militares, mas suas bases no movimento operário foram consideradas, nas avaliações internas, muito fracas em todos os períodos.

A POLOP cresceu aglutinando setores politizados da juventude e intelectuais que compartilhavam suas objeções à orientação dominante da esquerda nos anos 60, seja de linha trabalhista ou comunista, mas cresceu bem menos que estes seus dois adversários

⁷ Idem, *ibidem*, p. 6.

⁸ Trata-se de grupo de intelectuais com atuação em São Paulo para os quais o pensamento da revolucionária polonesa-alemã Rosa Luxemburgo era uma referência importante.

⁹ GARCIA, Marco Aurélio. Na História da PO um pouco da história da esquerda brasileira. Contribuição à História da Esquerda Brasileira 1960-1979. *Em Tempo*, 84, 4 de outubro de 1979, p. 12.

no campo das esquerdas, permanecendo todo o tempo como uma força minoritária. Sua crítica à política de alianças com a burguesia e sua leitura da articulação entre a grande burguesia nacional e o imperialismo ganharam maior credibilidade por ocasião do golpe civil-militar de 1964, que confirmava algumas de suas análises, o que facilitou a ampliação da base social da organização inclusive com a incorporação de militares de baixa patente expulsos das corporações.

Assim como todas as organizações de esquerda após o golpe militar, a POLOP teve de enfrentar a perda de militantes presos, desaparecidos ou exilados, além de defecções e cisões, algumas das quais muito importantes. As primeiras baixas mais sérias vieram já em julho de 1964, quando o órgão de espionagem da Marinha (CENIMAR) descobriu a tentativa de organização de um foco guerrilheiro no Rio de Janeiro. A tortura a que foram submetidos os militantes presos é uma evidência contra as tentativas recentes de revisão da história da ditadura militar que suavizam o período anterior ao AI-5.

O primeiro grande “racha” ocorreu em 1967. Grupos majoritários em Minas Gerais e São Paulo divergiram da posição da direção a respeito da questão da luta armada. As resoluções programáticas da POLOP incluíam a luta armada, até mesmo com a construção de focos, mas aqueles grupos consideravam insuficientes as formulações e exigiam respostas práticas mais imediatas. O cisma dividiu a POLOP ao meio e deu origem a duas organizações dissidentes: o Comando de Libertação Nacional (COLINA), em Minas Gerais, e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), em São Paulo (depois estes grupos se ramificaram em outros estados). O grupo que permaneceu na POLOP procurou articular-se com dissidências do PCB em algumas regiões do país. Nasceu deste esforço o Partido Operário Comunista (POC), cujo núcleo foi construído a partir da aproximação com a Dissidência Leninista do PCB no Rio Grande do Sul. Através do POC militantes da POLOP chegaram a ter certa participação nas famosas greves de 1968 em Contagem e, principalmente, Osasco. No interior do POC reapareceram divergências programáticas intensas, o que levou à permissão de funcionamento de tendências internas no partido, uma experiência organizativa até então inédita na esquerda Brasileira. Em 1970 a tendência que insistia na prioridade para o trabalho junto ao movimento operário (e não para a luta armada) se afastou do POC e, sempre

com Érico Sachs, reorganizou a POLOP como grupo independente: a Organização de Combate Marxista-Leninista – Política Operária (OCML-POLOP).

Nos anos 70 a POLOP ensaiaria uma aproximação com grupos revolucionários que faziam auto-crítica da experiência de luta armada, como o MR-8 e a Ação Popular Marxista-Leninista (AP-ML). Dirigentes destas organizações e da POLOP no exílio começaram a publicar a revista *Brasil Socialista*, “expressão dessa articulação que se intitulou *tendência proletária*”¹⁰ e que se revelou infrutífera em razão de divergências intransponíveis sobre a participação ou não nas eleições e sobre a tática dos revolucionários diante das lutas pela redemocratização. Além de inviabilizar a tendência proletária, o problema da transição e as questões mais profundas da relação entre a luta revolucionária e a democracia burguesa foram a causa de novos “rachas” na própria POLOP naquela década. Um desses cismas deu origem ao Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP).

Batendo-se pela independência política dos trabalhadores a POLOP renovou, agora no contexto da redemocratização, suas críticas às táticas de frente ampla, à aliança eleitoral e à colaboração com setores da burguesia. Pelas mesmas razões, documentos da organização saudaram o surgimento do PT como a abertura de um terreno político novo e promissor. Após ingressar no PT a já pequena OCML-POLOP terminou por dissolver-se “lentamente nos primeiros anos 80”¹¹.

2. Referências

Alguns autores têm reconhecido o caráter peculiar da POLOP e alertado para a inovação que ela representou no campo das organizações de esquerda no Brasil a partir dos anos 60. Badaró Matos apontou a influência das elaborações teóricas da POLOP a respeito das relações da burguesia nacional com o imperialismo sobre uma importante geração

¹⁰ REIS FILHO, Daniel Aarão. Classe operária, partido de quadros e revolução socialista. O itinerário da Política Operária – POLOP (1961-1986). In: REIS FILHO, D. A. e FERREIRA, J. *Revolução e Democracia. 1964...* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, p. 63.

¹¹ MEYER, Victor, MIRANDA, Orlando e SADER, Emir. Nota explicativa. In: MEYER, Victor, MIRANDA, Orlando e SADER, Emir (orgs). *Andar com os Próprios Pés. Discutindo uma estratégia de ação para os trabalhadores...* op. Cit., p. 7.

de intelectuais brasileiros vinculados ao que se convencionou chamar de “teoria da dependência”. Vários ex-militantes da POLOP tornaram-se autores de referência no debate nacional e internacional de temas ligados ao desenvolvimento desigual e combinado e ao imperialismo, à situação da América Latina ou à emergência de movimentos sociais: Theotônio dos Santos, Ruy Mauro Marini, Moniz Bandeira, Vânia Bambirra, Michael Löwy, Eder Sader e Emir Sader são, talvez, os mais conhecidos. O caráter inovador do marxismo da POLOP, no contexto brasileiro dos anos 60 e 70, que se apresentava como uma alternativa partidária ao PCB, foi ressaltado por Aarão Reis Filho e Jair de Sá, que situaram a organização como o ponto de partida de um ramo novo na história das esquerdas no Brasil¹². De modo semelhante, Nilmário Miranda e Carlos Tibúrcio consideram a POLOP uma das “matrizes” da esquerda revolucionária brasileira¹³, assim como Marco Aurélio Garcia, que vê no surgimento da POLOP um episódio significativo na emergência de uma “nova esquerda” revolucionária brasileira¹⁴.

Apesar deste amplo reconhecimento quanto à importância histórica da POLOP, ainda não foi publicado um trabalho dedicado ao tema que fosse resultado de investigação de maior fôlego. Foram localizadas apenas duas dissertações de mestrado sobre o tema. A de Leovegildo Leal, de 1992, destaca o papel “pioneiro” da POLOP na contestação do reformismo do PCB, rompendo o “monopólio” da linha reformista na esquerda dos anos 60¹⁵. A outra, mais recente, de Joelma A. de Oliveira, examina melhor as diferenças entre posições políticas que atuavam no interior da POLOP, mas sua dissertação cobre apenas a primeira fase da organização, até 1967.¹⁶ Dentre os artigos, os já mencionados de Badaró Matos e Aarão Reis Filho, que são os mais recentes, são os primeiros elaborados a partir da análise de uma documentação mais volumosa e rica, diferenciando-se assim de outros trabalhos em que a trajetória da POLOP foi tratada de

¹² REIS FILHO, Daniel Aarão e SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1985.

¹³ MIRANDA, Nilmário e TIBÚRCIO, Carlos. *Dos filhos deste solo. Mortos e desaparecidos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*. São Paulo, Boitempo – Perseu Abramo, 1999.

¹⁴ GARCIA, Marco Aurélio. *Na história da PO...* op. Cit, p. 13.

¹⁵ LEAL, Leovegildo P. *Política Operária: a quebra do monopólio político, teórico e ideológico do reformismo na esquerda brasileira*. Dissertação de mestrado. UFF. Niterói, 1992.

¹⁶ OLIVEIRA, Joelma Alves de. *POLOP: As origens, a coesão e a cisão de uma organização marxista (1961-1967)*. 01/09/2007. Dissertação de mestrado. UNESP. Araraquara, 2007.

modo mais superficial. Entretanto, em que pesem as importantes contribuições destes artigos (que serão examinadas mais à frente), suas dimensões restritas, conquanto adequadas aos objetivos pretendidos por seus autores, impedem que eles satisfaçam a necessidade de uma análise mais extensa e mais profunda da história da organização.

Por outro lado, a história da POLOP tem sido tema de “balanços”, resgates e polêmicas históricas feitas por militantes ou ex-militantes, alguns dos quais estiveram em algum momento ligados à própria organização. Grande parte desta produção, publicada nos periódicos das organizações de esquerda, circulou em espaços restritos e permanece desconhecida até mesmo da maioria dos historiadores. Veja-se, por exemplo, a controvérsia gerada pelo artigo de 1976 de Raul Villa (Eder Sader), também mencionado acima, que recebeu réplicas escritas por Ernesto Martins (Érico Sachs) e pelos editores da revista *Marxismo Militante* nos anos seguintes¹⁷. O ponto central da polêmica é a tese de Raul Villa, que se desligava da organização, segundo a qual a trajetória da POLOP teria chegado, finalmente, à “falência”, o que era vivamente contestado pelos autores das réplicas. A partir desta divergência de fundo, produzem-se interpretações antagônicas sobre vários momentos da história da POLOP que dão sustentação às posições políticas em disputa. Tais textos constituem documentos valiosos para reconstituir o percurso histórico da POLOP, mas é evidente que o objetivo principal dos debatedores – o de fundamentar e justificar suas posições na contenda – podia ser e efetivamente foi alcançado sem necessidade de expandir e enriquecer a pesquisa histórica.

Na mesma categoria encontram-se relatos memorialísticos que recuperam momentos da história da organização e que aparecem como prefácios, posfácios ou simplesmente como memórias destinadas a um público bem mais amplo. É este o caso de um livro recente, editado por Emiliano José e dedicado à memória de Victor Meyer, ex-dirigente da POLOP falecido em 2001. Na obra há um texto de Orlando Miranda, ex-militante da organização que narra em primeira pessoa sua própria experiência militante expressa como “fragmentos de memória” da trajetória da POLOP na Bahia¹⁸ além de um

¹⁷ Cf. MARTINS, Ernesto. Carta a “um revolucionário que se preza”. *Marxismo Militante*, 5, maio de 1978, PP. 81-110 e, no mesmo número: CN da OCML-PO. Resposta a Raul Villa. A revista *Marxismo Militante* era o órgão oficial da OCML-PO.

¹⁸ MIRANDA, Orlando. Fragmentos de memória da POLOP na Bahia. In: JOSÉ, Emiliano. *Galeria F.*

prefácio, também de sabor memorialístico, escrito por Nilmário Miranda, outro ex-POLOP, apresentando Victor Meyer. Logo após a morte de Ernesto Martins (maio de 1986), Orlando Miranda e Victor Meyer organizaram juntos uma outra coletânea de textos daquele dirigente na qual fizeram constar, como prefácio, uma breve nota biográfica¹⁹. Documentos de natureza semelhante são as recordações de militantes como Theotônio dos Santos, cujo depoimento foi recolhido e publicado por Dênis de Moraes em 1989²⁰. Estas narrativas são preciosas, ainda mais quando dão acesso à memória da experiência militante e aos sentidos construídos para esta experiência pelos sujeitos. Por isso mesmo seus autores, ao publicá-las, convidam a que se conheça melhor a história de que sabem e sentem ser uma parte.

Súmulas informativas sobre a trajetória da POLOP, quase sempre muito breves, foram publicadas em obras que tratam da história da esquerda no Brasil ou que se propõem a contribuir para o resgate da memória das vítimas da ditadura militar. Jacob Gorender²¹, Marcelo Ridenti²² e Dênis de Moraes²³, em trabalhos que se tornaram referências no tema, dedicaram algumas páginas à POLOP nas quais caracterizam as linhas-mestras do programa político e descrevem, de modo sumário, a trajetória da organização. Pequenas notas informativas sobre a POLOP aparecem também no trabalho pioneiro de Aarão Reis Filho e Jair de Sá sobre a esquerda clandestina brasileira no período da ditadura²⁴, na antologia de documentos de organizações da esquerda (inclusive da POLOP), publicada por Celso Frederico no final dos anos 80²⁵ e no livro de Nilmário Miranda e

Lembranças do Mar Cinzento. Terceira Parte. Victor Meyer, um revolucionário. São Paulo, Caros Amigos, 2008.

¹⁹ SACHS, Érico. *Qual a herança da revolução russa? e outros textos.* Belo Horizonte, SEGRAC, 1988.

²⁰ MORAIS, Dênis. *A esquerda e o golpe de 64.* Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1989.

²¹ GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada.* 4ª. Ed., São Paulo, Ática, 1990.

²² RIDENTI, Marcelo. *O Fantasma da Revolução Brasileira.* São Paulo, EDUNESP, 1993.

²³ MORAIS, Dênis. *A esquerda e o golpe de 64...*op.cit.

²⁴ REIS FILHO, Daniel Aarão e SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução.* Rio de Janeiro, Marco Zero, 1985. Neste livro foi publicado um dos documentos políticos mais importantes da POLOP, o *Programa Socialista para o Brasil*, de 1967.

²⁵ FREDERICO, Celso. *A Esquerda e o movimento operário 1964-1984.* São Paulo, Novos Rumos, 1987 (vol 1).

Carlos Tibúrcio (ambos, coincidentemente, ex-POLOP) sobre os mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar²⁶.

O que desponta deste sobrevôo sobre a literatura que trata da POLOP é a evidência de que a sua história permanece, no essencial, por conhecer. São muitas as questões que continuam em aberto e cinco delas serão formuladas a seguir, pois constituem o eixo da investigação que presentemente desenvolvemos.

3. Polêmicas

Foi mencionado acima, ao considerarmos o problema da periodização, o fato de que a POLOP percorre, ao longo da sua existência, uma trajetória irregular, tanto no plano organizativo quanto no programático e teórico. Esta é uma história repleta de episódios de dissidência, recomposições, tentativas de articulação com outros grupos. Também é a história de um projeto político que teve de enfrentar o teste prático da luta revolucionária em conjunturas muito diferentes – antes do golpe, no período da clandestinidade, durante a redemocratização – que exigiram simultaneamente o esforço de fazer revisões e atualizações e o de manter um vínculo de coerência com as bases do projeto original. A primeira questão, mais geral, se impõe imediatamente: que fatores estão implicados no delineamento da trajetória da POLOP? O que é preciso considerar para que se possa conhecer essa história?

A pergunta exige pensar a relação entre a vida interna da organização e os desafios que, em cada momento, se impunham à sua prática política. Com efeito, não é possível explicar processos de mudanças na linha política ou o aparecimento das dissidências sem considerar os elementos externos em torno dos quais foram travados os debates e disputas que resultaram em mudanças programáticas, crises e “rachas”. Ganham importância, nesta perspectiva, os processos que afetavam decisivamente a luta política dos grupos de esquerda, como as alterações no caráter do Estado e as condições, sempre variáveis, dos movimentos de massas. Por outro lado, não basta justapor, na narrativa histórica, a conjuntura externa e a informação sobre a organização obtida na

²⁶ MIRANDA, Nilmário e TIBÚRCIO, Carlos. *Dos filhos deste solo. Mortos e desaparecidos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*. São Paulo, Boitempo – Perseu Abramo, 1999.

documentação. Respostas mais consistentes para esta interrogação precisam ser buscadas em fontes que nos permitam acompanhar *como as conjunturas foram lidas e interpretadas* no interior da organização e os desdobramentos práticos que foram encaminhados.

Sob esta perspectiva, a história da POLOP ainda é uma incógnita. O artigo de Reis Filho parece inclinar-se nesta direção, ao narrar a trajetória da POLOP em paralelo com o desenrolar das conjunturas políticas, mas não chega a recuperar as formas concretas pelas quais, no interior da organização ou do movimento que a construiu, foram interpretadas as conjunturas e traçadas as linhas de intervenção. Assim, por exemplo, o surgimento da POLOP aparece *associado* ao contexto em que o PCB e o PTB “passaram a receber, de organizações e partidos à sua esquerda, críticas mais contundentes por suas políticas consideradas *reformistas e conciliadoras*”²⁷. O texto menciona “quatro temáticas” principais da intervenção da POLOP em seus primeiros anos com base num texto memorialístico de um ex-militante e cita em nota, sem comentar, um documento oficial da organização. Ora, após isto o que resta por investigar é a ação real dos sujeitos: todo o trabalho de articulação entre os diferentes grupos, os sujeitos envolvidos, a experiência da revista *Movimento Socialista*, os textos e o conteúdo das discussões, as circunstâncias e a dinâmica interna do I Congresso. O mesmo se verifica em outros momentos do texto, como na sua afirmação de que, diante do golpe de 64, os “militantes da organização **tendiam a imaginar** que o tempo da colheita havia chegado, agora que os principais partidos das esquerdas, PTB e PCB, amargavam a desorientação e a desmoralização consecutivas ao triunfo dos golpistas”²⁸. A fonte citada aqui é, novamente, um texto memorialístico em que um ex-militante afirma que os membros da POLOP “acreditavam que o núcleo das suas concepções escapara intacto da derrocada de abril”²⁹. O conteúdo real da discussão entre os militantes da POLOP sobre as conseqüências do golpe, inclusive na questão aguda da opção pela luta armada, as diferentes posições e os argumentos mobilizados, tudo isso permanece desconhecido.

²⁷ REIS FILHO, Daniel Aarão. Classe operária, partido de quadros e revolução socialista... op. Cit., p. 57 (itálicos no original).

²⁸ Idem, ibidem, p. 59, grifo meu.

²⁹ SADER, Emir. Da autonomia à hegemonia. *Apud* REIS FILHO, Daniel Aarão. Classe operária, partido de quadros e revolução socialista... op. Cit., p. 68 (nota 14).

Em estreita conexão com a primeira questão – na verdade, uma particularização dela – está o problema da difícil relação da POLOP com a classe trabalhadora. Esta questão aparece com muito peso na bibliografia sobre a *Política Operária*, nos depoimentos de ex-militantes e também nos documentos oficiais da organização. Apesar de certa influência nos meios intelectuais e estudantis, a POLOP não conseguiu construir uma presença massiva nas organizações dos trabalhadores. Daniel Aarão Reis Filho menciona o desencontro entre a teoria e a prática da organização: “na *passagem* para a prática social, havia uma espécie de emperramento, como se as engrenagens, acionadas, não funcionassem”³⁰. O que poderia ser? Jacob Gorender explica o problema como manifestação da incapacidade de elaboração tática da corrente. Ela “ficou restrita ao meio intelectual e à produção teórica, sem conseguir penetração no movimento de massa. A POLOP se especializou na crítica ao reformismo e ao nacionalismo, porém se mostrou incapaz de elaborar uma alternativa tática viável.”³¹ Na verdade Gorender está a reproduzir, em seu texto, uma acusação que foi muitas vezes lançada contra a POLOP por seus adversários no campo da esquerda, mas talvez esta seja uma crítica difícil de sustentar. A influência da POLOP no movimento dos trabalhadores era de fato pequena, mas a razão poderia não ser a ausência de uma “tática viável”. Badaró Matos apresenta evidências de que, ao menos no que toca ao movimento sindical, as elaborações táticas da POLOP eram “perfeitamente compatíveis com as deliberações dos encontros sindicais dos primeiros anos da década de 1960, nos quais as teses pecebistas eram largamente majoritárias”³². Tudo fica ainda mais intrigante quando se considera que a POLOP desenvolveu, em todos os períodos, esforços reais de atuação junto à classe trabalhadora³³. A solução do enigma exigirá o estudo mais detalhado das ações de agitação e propaganda da POLOP e das condições em que ela disputou, com outras correntes de esquerda, a direção dos movimentos de massas.

³⁰ REIS FILHO, Daniel Aarão. Classe operária, partido de quadros e revolução socialista... op. Cit., p. 61 (itálicos no original).

³¹ GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*... op. Cit., p. 36.

³² MATOS, Marcelo Badaró. Em busca da revolução socialista: a trajetória da POLOP (1961-1967)... op. Cit., p. 191.

³³ Em sua narrativa autobiográfica, Victor Meyer descreve as tarefas políticas cotidianas junto às fábricas e outros locais de trabalho. MEYER, Victor. O Labirinto. Encontros clandestinos entre a vida e a morte. [sl], [sd], mimeo.

Com isso alcançamos o terceiro problema que esta pesquisa se propõe a desenvolver: localizar a posição e os sucessivos deslocamentos da POLOP no campo da esquerda marxista brasileira. A bibliografia é unânime quanto ao fato de que a organização ocupava uma posição peculiar já que, exceto os grupos trotskistas, era a primeira força política marxista revolucionária brasileira que não provinha de dissidências do Partido Comunista. Vimos como Aarão Reis e Jair de Sá posicionam a POLOP como um ramo novo na história das esquerdas e como ela foi considerada uma “matriz” por Nilmário Miranda e Carlos Tibúrcio. Saber como a POLOP se demarca e se aproxima de outras correntes é, por isso mesmo, imprescindível para compreender sua trajetória. Coletâneas de textos que tratam da história de diferentes organizações de um mesmo período³⁴ representam um passo importante nesta direção, porque facilitam que o leitor faça cotejamentos. Apesar disso, elas não resolvem o problema de compreender as profundas implicações, para cada organização, da disputa em que todas se encontravam interativamente envolvidas.

A *Política Operária* surgiu firmando sua oposição contra a linha do PCB, tida como reformista e conciliadora. Sobre este ponto havia um amplo acordo entre muitas correntes marxistas, a maioria delas surgidas como dissidências do “partidão”. Mas se isso aproximava a POLOP dessas organizações, tudo o mais tendia a apartá-las e também sobre isso há grande consenso na literatura. A lista de divergências é muito extensa e se modifica ao longo do tempo, mas as mais salientes parecem ser: sobre a caracterização da revolução brasileira, sobre o papel da burguesia nacional e suas relações com o imperialismo, sobre as reformas de base, sobre o papel da classe operária nas conjunturas, sobre a função (primeiro) e os limites (depois) da luta armada, sobre a participação nas eleições e o caráter das lutas pela redemocratização, sobre o significado do Partido dos Trabalhadores. Mais do que definições programáticas, cada um destes pontos sinaliza um terreno de disputa pela direção do movimento no qual a POLOP defendia suas posições contra as posições concorrentes. O jogo de alianças e antagonismos políticos no âmbito da esquerda foi feito em torno destes pontos. Grande parte da produção teórica da organização só se torna plenamente compreensível quando

³⁴ Cf. as coletâneas já mencionadas: REIS FILHO, Daniel Aarão e FERREIRA, Jorge (orgs.). *Revolução e Democracia...* op. Cit, e RIDENTI, Marcelo e REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil...* op. Cit.

se restabelece a rede intertextual à qual ela se remete, às vezes explícita, outras implicitamente. Ora, esta rede é, de fato, a expressão literária ou documental das diferentes posições ocupadas e defendidas pelas correntes no campo em que era disputada a hegemonia, isto é, a representação e a direção política da classe trabalhadora.

O fato de que a POLOP ocupa um lugar muito específico no campo da esquerda marxista está ligado ao seu modo peculiar de apropriação do marxismo. Esta é a nossa quarta questão. Muitos autores que escreveram sobre a POLOP reconhecem a originalidade, para o contexto brasileiro, de suas formulações. Via de regra, este reconhecimento passa pela constatação de que, além de não estar vinculada à força dominante da 3ª Internacional³⁵, a POLOP apresentava formulações cujas referências teóricas eram incomuns entre marxistas brasileiros da época extraídas, sobretudo, de obras de autores ligados à oposição de esquerda alemã (ao grupo *Arbeiterpolitik*), como Brandler e A. Tallheimer. A importância destas referências deveria ter conduzido à investigação das ligações internacionais da organização, mas esta tarefa também está por ser cumprida. Não apenas a trajetória pessoal de Érico Sachs, mas os laços mantidos com organizações internacionais em diversos níveis (correspondência, publicações conjuntas, contatos e colaboração no exílio) são elementos cuja consideração é indispensável para a compreensão da peculiaridade do marxismo da PO.

A esse respeito Badaró Matos abre outra linha de reflexão no “breve balanço” que fecha o seu artigo: certas teses apresentadas originalmente em documentos da POLOP fecundaram análises posteriores sobre a realidade brasileira que terminaram por se tornar clássicas. Este foi o caso da tese da “inexistência de contradições fundamentais entre a burguesia brasileira, de um lado, e o latifúndio e o imperialismo, de outro” ou da

“idéia de um desenvolvimento ‘tardio’ do sistema capitalista no Brasil, ou da avaliação de que as altas taxas de exploração da força de trabalho no campo serviram de fonte de acumulação para o capitalismo industrial, que, por outro lado, passava a se ver limitado pelas dimensões diminutas do mercado interno e as baixas taxas de produtividade agrícola”³⁶.

³⁵ Como é bem conhecido, a 3ª Internacional foi fundada por iniciativa do partido bolchevique russo diante da capitulação da 2ª Internacional à época da I Guerra Mundial. Existiu entre 1919 e 1943 sendo que desde meados dos anos 20 foi dominada pela corrente stalinista. Cf. BROUÉ, P. *História da Internacional Comunista*. São Paulo, Sundermann, 2007.

³⁶ MATOS, Marcelo Badaró. Em busca da revolução socialista: a trajetória da POLOP (1961-1967)... op. Cit., p. 206-7.

A fecundidade dessa linha de interpretação da realidade brasileira é ignorada por Daniel Aarão Reis Filho que, em seu conhecido livro sobre os comunistas no Brasil, considera “relativamente escassa” a contribuição dos comunistas – POLOP inclusive – ao conhecimento da “realidade”³⁷. No entanto, uma vez que se reconhece a influência dessas idéias no debate multidisciplinar (porque envolveu, no mínimo, historiadores, sociólogos e economistas) posterior, sobressai a necessidade de conhecer melhor o processo de criação e difusão da produção teórica da POLOP. Isso nos conduz a examinar mais detidamente o pensamento, isto é, as teses apresentadas e os conceitos sobre os quais elas se estruturam, mas também as práticas: os mecanismos de elaboração e circulação de textos internos, a organização dos fóruns de discussão e deliberação, os meios de divulgação e propaganda (sobretudo os periódicos).

Por último, mas não menos importante, impõe-se a interrogação a respeito do envolvimento dos sujeitos, das práticas e dos sentidos construídos pelos próprios militantes para a experiência da militância. A existência de uma organização revolucionária denominada *Política Operária* era materializada pela prática dos seus militantes e, por isso mesmo, não pode ser dissociada dela. Daí a importância de interrogar a vivência na organização, o cotidiano da luta política, das atividades de agitação e propaganda, a vida na clandestinidade, numa palavra: como foi vivida e que sentido teve a experiência de ser militante. Apesar de alguns depoimentos memorialísticos e de relatos autobiográficos disponíveis, ainda não se procedeu a um estudo sistemático desta experiência coletiva. A literatura apresenta sugestivas hipóteses sobre o que tornava a POLOP atraente para certos grupos sociais: a crítica radical ao reformismo, uma opção organizativa marxista e alternativa ao PC, uma elaboração teórica sofisticada e bem fundamentada. Do mesmo modo, podem-se imaginar explicações para a decisão, tomada por tantos, de afastar-se da organização em algum momento. O teste de tais hipóteses, porém, depende de que trilhem os tortuosos caminhos da memória.

³⁷ REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 183.

4. Balanço provisório

O que nos pode revelar a pesquisa sobre a História da POLOP? Em primeiro lugar sabemos, graças a Gramsci, que a história de um partido não é apenas a “narração da vida interna de uma organização política, de como ela nasce, dos primeiros grupos que a constituem, das polêmicas ideológicas através das quais se forma o seu programa e sua concepção do mundo e da vida”.³⁸ A moldura do quadro tem que ser mais abrangente se o objetivo não é apenas o de escrever uma crônica histórica, mas o de interpretar a história do partido. A “história de um partido não poderá deixar de ser a história de um determinado grupo social”. Mas, uma vez que os grupos ou classes sociais não existem fora do “quadro global de todo o conjunto social e estatal (e, freqüentemente, também com interferências internacionais)” – e é precisamente este o caso da POLOP – pode-se dizer que **“escrever a história de um partido significa nada mais do que escrever a história geral de um país a partir de um ponto de vista monográfico, pondo em destaque um seu aspecto característico”**.³⁹ Se é assim, há elementos da história recente do Brasil que se iluminarão a partir do estudo deste seu “aspecto característico” que é a trajetória da POLOP.

Não apenas do Brasil. A POLOP faz parte de um grupo pequeno, mas onipresente: o das organizações políticas que se posicionam “à esquerda da esquerda”, para usar o título feliz de Murilo Leal⁴⁰. Minoritários no campo das forças de esquerda, grupos como a POLOP viveram suas trajetórias na luta contra os vários matizes de reformismo que preponderaram em quase todos os países ao longo do século XX. Sempre que partidos nascidos da classe trabalhadora adaptaram seus programas à reprodução do capital e incorporaram-se de algum modo nas engrenagens da hegemonia burguesa – e não foram poucos os episódios desta natureza, na verdade, raras são as exceções – apareceram organizações como a POLOP: radicais defensores da independência de classe e da luta anticapitalista. O fato de terem permanecido sempre como minorias expressa fielmente o tipo de luta em que se engajaram e demonstra que, também no campo da esquerda, há uma história dos vencidos por ser escrita.

³⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, vol. 3. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000, p. 87

³⁹ Idem, *ibidem*, p. 87.

⁴⁰ Trata-se do estudo sobre a atuação de militantes trotskistas no Partido Operário Revolucionário (POR) entre 1952 e 1966. LEAL, Murilo. *À esquerda da esquerda*. São Paulo, Paz e Terra, 2003.